

Práticas de leitura no contexto acadêmico: a constituição histórica do sujeito-leitor e dos sentidos

Fernanda Correa Silveira Galli
Universidade Estadual Paulista

Title: *Reading practices in the academic context: the historical constitution of the subject-reader and senses.*

Abstract: *This article discusses the reading practices in academic contexts with a focus on the characterization of ways of reading in the networking and its effects on the formation of university subject-reader. More specifically, we seek to understand the historical development of the subject-readers and senses from “said” (stabilized by electronic resources) and “understood” (the possible discourses) pathways in read/write performed by university students. Based on the theoretical perspectives of Discourse Analysis of the French line and Literacy Studies, interpret the material – produced in a university extension course on reading and cyberspace – in order to contribute to a discussion on the inscription the subject-reader in the networks reading and in the networks of the (in)formacion contemporary, and also to the question of literacies in shaping the current and future teacher.*

Keywords: *Reading. Subject-reader. Senses. Academic literacy.*

Resumo: *Este artigo aborda práticas de leitura no contexto acadêmico com foco na caracterização dos modos de ler na/em rede e seus efeitos na formação do sujeito-leitor universitário. De modo mais específico, busca compreender a constituição histórica dos sujeitos-leitores e dos sentidos a partir do “dito” (pelo estabilizado dos recursos eletrônicos) e do “compreendido” (pelas discursividades possíveis) nos percursos de leitura/escrita realizados por universitários. Com base nas perspectivas teóricas da Análise do Discurso de linha francesa e dos Estudos de Letramento, interpreta o material – produzido em um curso de extensão universitário sobre leitura e ciberespaço – com o intuito de contribuir para uma discussão sobre a inscrição do sujeito-leitor nas/em redes de leitura e nas redes de (in)formação contemporâneas, e, ainda, para a questão dos letramentos na formação do atual e futuro professor.*

Palavras-chave: *Leitura. Sujeito-leitor. Sentidos. Letramento acadêmico.*

Práticas de leitura: perspectivas de análise

Reflexões sobre o modo como a prática de leitura tem sido discursivizada são fundamentais tanto para a compreensão sobre a constituição do sujeito-leitor e dos sentidos no contexto acadêmico quanto para a discussão sobre a questão dos letramentos na formação do atual e futuro professor. Nas atuais condições de produção das tecnologias digitais, os discursos sobre a leitura circulam como possibilidade de ter acesso a informações e conhecimentos, sob o efeito – é preciso lembrar – de transparência da linguagem, de objetividade dos sentidos e de neutralidade do sujeito-leitor. Esse cenário está estreitamente relacionado com a potencialização que o uso das tecnologias de informação e comunicação parece instaurar e, ainda, com o imaginário construído socialmente em torno daquilo que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) podem proporcionar ao sujeito (GALLI, 2014). Matérias recentes – como as do jornal *Folha de S. Paulo* (“Leitura a jato”)¹ e da revista *Veja* (“A voz da geração conectada”),² por exemplo – vem sustentar essa nossa hipótese sobre a potência da conexão e seus efeitos na constituição do sujeito-leitor e dos sentidos, na formação do atual e futuro professor, além de apontarem para como a mídia tem colocado em circulação, de forma determinante, a relevância da conexão em detrimento da prática de leitura na era digital. Estar em/na rede digital da internet, via dispositivos móveis (como *smartphones*, *tablets*, *netbooks*, dentre outros), pressupõe uma ordem discursiva de natureza global (GALLI; SOUSA, 2013) e tem seus efeitos no imaginário

¹ Aborda uma “nova” experiência de leitura, com base no recurso tecnológico *Spritz* que visa multiplicar a velocidade da leitura do texto escrito na tela. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/166863-leitura-a-jato.shtml>>. Acesso em 24 out. 2014.

² Trata da emergência do escritor americano John Green, considerado um dos fenômenos mundiais da atual literatura para jovens, tanto pelas suas abordagens destinadas à geração (tecnológica) de jovens quanto pelo seu trânsito em espaços digitais como as redes sociais, por exemplo. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervo/home.aspx>>. Acesso em 24 out. 2014.

social, o que vemos emergir em discursos³ como: *Adoro navegar, as informações são rápidas e posso ler sobre muitas coisas sem procurar muito...; A leitura na internet para mim é maravilhosa, adoro ler tudo...; A leitura na internet contribui para uma velocidade maior de informações absorvidas, contribuindo para o conhecimento de fatos em tempo real...*, dentre outros que também colocam em evidência a potência da conexão.

Refletir sobre as práticas leitoras no contexto acadêmico implica, sobretudo, de nosso ponto de vista, refletir sobre os aspectos norteadores dos conceitos de leitura e leitor, de modo particular, na contemporaneidade, na era da tecnologia. Dados da última pesquisa do Instituto Pró-livro apresentam questões importantes para a abordagem de aspectos norteadores dos conceitos de leitura e leitor: um dos objetivos do levantamento é identificar, em percentuais, como os leitores refletem sobre as mudanças no cenário sociocultural e educacional brasileiro, o que inclui o mapeamento de “interesses, representações sobre leitura e livro, influenciadores, motivações, limitações, preferência por suporte digital ou impresso” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2011, p.7). A partir dessas e outras variáveis, a pesquisa busca medir o comportamento do leitor para que políticas e ações que dizem respeito à democratização do acesso ao livro e ao fomento à leitura sejam traçadas. A pesquisa marca, ainda, que há condições para que esse processo ocorra: o leitor precisa ser cativado, pois “não será possível cativar leitores se ele não compreende o que lê.” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2011, p.7). Essa proposta pretende não apenas conhecer o comportamento leitor para investir em políticas públicas de acesso e fomento à leitura, mas também contribuir para a melhoria dos indicadores de leitura no Brasil, a partir de visões dicotômicas que concebem o que é leitor (como leitor e não-leitor) e o que é leitura (segundo compreensão e não-compreensão), conforme é possível observar nos resultados apresentados em *Retratos da leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2011).

³ Recortes do *corpus* analisado em tese de doutorado (GALLI, 2008).

Cabe destacar que, da perspectiva educacional que abrange os contextos escolar e acadêmico, o tema da leitura é de extrema relevância não apenas para professores formados e professores em formação, dado que o trabalho com visões que privilegiam as dicotomizações, a leitura como decodificação e o leitor como receptor dos sentidos contidos no texto ainda é uma constante, como a própria pesquisa do Instituto Pró-livro tem divulgado e como vemos circular também em contextos sociais mais amplos. Da perspectiva da técnica, a instrumentalização das tecnologias digitais se consagra, cada vez mais, como condição suficiente para (“novas”) práticas de leitura e, também, para a formação acadêmica (do universitário, professor em formação; do (futuro) aluno desse (futuro) professor; do professor já formado) e para a formação profissional (KOMESU; GALLI, 2014). Entretanto, o espaço digital da internet – visto como um lugar sem fronteiras, onde o usuário teria poder de pesquisar as informações que quiser (KOMESU, 2010) – é, também, um espaço “político-simbólico de construção do conhecimento” (DIAS, 2009, p.27). Ao abrigar a convergência de mídias, esse espaço tecnológico “representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (JENKINS, 2009, p.29-30), o que afeta os modos de ler (na/em rede) e produz outras relações de sentidos.

Da perspectiva teórica discursiva a que nos filiamos, a leitura envolve a dimensão dialógica da linguagem, bem como as relações de forças ideológicas que proporcionam ao sujeito, leitor em potencial, inscrever-se na história e produzir sentidos. O funcionamento da ideologia não se dá senão pela historicidade, de maneira que os sentidos não existem em si mesmo, são determinados “pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico” (PÊCHEUX, 1997, p.160). Da perspectiva dos estudos de letramentos, se as práticas de leitura (e escrita) estão inseridas em contextos culturais e ideológicos, são, também elas, portanto, perpassadas por relações de poder, distantes do que é visto, por muitos,

como neutralidade. É assim que nos aproximamos da proposta de um “modelo ideológico” em contraposição a um “modelo autônomo” de letramento (de escrita, de leitura), na crítica de Street (1984; 2014). Ainda que o autor inglês não tenha se voltado naquela obra à análise de práticas letradas em emergência, avaliamos que a crítica permanece atual e relevante, considerando-se, sobretudo, valores sociais partilhados entre os sujeitos quando o tema é a potência da conexão.

Além das implicações ideológicas, ambas as perspectivas teóricas por nós mobilizadas – Análise do Discurso francesa e Estudos de Letramentos – consideram, também, a existência de implicações políticas nas práticas letradas. É, então, com base nessas implicações teóricas que propomos, ao longo deste artigo, investigar práticas de leitura no contexto acadêmico com foco na caracterização dos modos de ler na/em rede e seus efeitos na formação do sujeito-leitor universitário. Em estudo recente (KOMESU; GALLI, 2014) sobre os percursos de leitura/escrita realizados por universitários (professores em formação e já formados), com base num motor de busca da internet, investigamos as relações (hiper)textuais estabelecidas no enredamento entendido como viabilizado por recursos eletrônicos e as marcas discursivas que (se) fazem emergir (n)um modo singular de ler (e de escrever), a partir da hipótese de que, embora um motor de busca, como o *Google*, ofereça uma trilha de leitura com informações “filtradas” por critérios invisíveis ao usuário (PARISER, 2012) da rede digital da internet, os percursos realizados pelo sujeito-leitor rompem com a tentativa de estabilização do próprio motor de busca. Isso porque consideramos que o que está em jogo não é a personalização gerada pela técnica, pelos algoritmos que produzem resultados diferentes para cada usuário, mas, sim, a constituição histórica e ideológica do sujeito-leitor produtor de sentidos.

Desse modo, na presente abordagem, buscamos investigar a constituição histórica do sujeito-leitor e a produção dos sentidos com base no “modo de relação (leitura) entre o dito

e o compreendido” (ORLANDI, 1999, p.59). Em outras palavras, buscamos refletir sobre os modos de ler na/em rede, a partir do que emerge tanto como estabilizado pelos recursos eletrônicos quanto como discursividades possíveis, em percursos de leitura/escrita realizados por universitários em um mecanismo de busca na internet. Para tanto, selecionamos, do conjunto do material produzido por universitários (professores em formação e já formados) em um curso de extensão intitulado “Leitura – sentidos do/no ciberespaço”,⁴ duas das produções textuais escritas realizadas a partir da seguinte proposta: “Com base em Xavier (2004) e tendo como ‘fio condutor’ a reflexão sobre LEITURA - CIBERESPAÇO - HIPERTEXTO, faça um desenho que represente seu percurso de leitura numa ferramenta de busca de sua escolha, a partir da pesquisa de MAÇÃ.”. Com base, pois, nos pressupostos assumidos, interpretamos as referidas produções fundadas na hipótese de que, apesar do mecanismo de busca – neste caso, o *Google*,⁵ que foi utilizado por cem por cento dos participantes – oferecer como resultado uma sequência de *links* com informações “filtradas” (PARISER, 2012), a leitura/escrita dessas informações não se dá de forma homogênea e, ainda que se refira a modos de ler um mesmo *link*, a pluralidade dos sujeitos-leitores se inscreve.

Práticas de leitura: constituição histórica, sujeito-leitor e sentidos

Um aspecto importante para a reflexão sobre a constituição histórica do sujeito-leitor e dos sentidos, em percursos de leitura/escrita em um mecanismo de busca na internet, são as condições de produção, as quais compreendem os sujeitos e o momento sócio-histórico-ideológico

⁴ Curso presencial oferecido a alunos regularmente inscritos nos Cursos de Licenciatura em Letras e em Pedagogia e aos inscritos no Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP, *campus* de São José do Rio Preto (SP), nos meses de março e abril de 2014, com duração de 16 horas.

⁵ Destacamos que não houve nenhuma instrução prévia que pudesse levar o participante a optar pelo motor de busca *Google*.

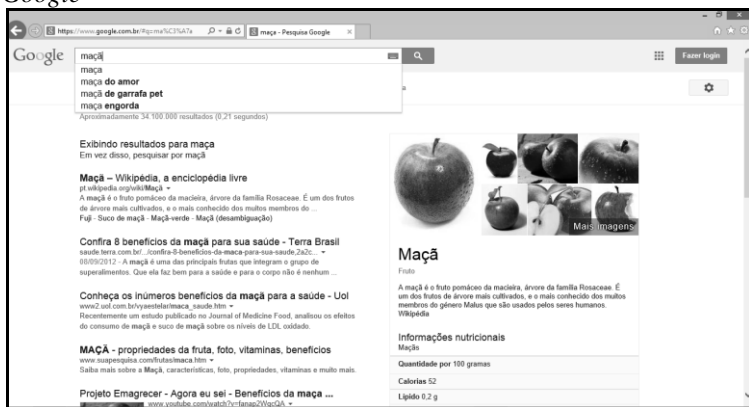
(PÊCHEUX, 1969). Nesse processo, a ideologia é condição para a constituição de ambos – sujeito e sentido, e seu trabalho é produzir evidências, situar o indivíduo na relação imaginária com as condições de existência materiais e interpelá-lo em sujeito. É a partir da interpelação⁶ que o sujeito produz o (seu) discurso, o que não lhe é (de todo) consciente, já que a ideologia funciona na dissimulação de sua existência e, ao mesmo tempo, produz “evidências subjetivas” (PÊCHEUX, 1997, p.160) nas quais se constitui o sujeito. Em outras palavras, é a ideologia que permite a identificação do sujeito com a formação discursiva⁷ que o domina e, embora o sujeito tenha a ilusão de domínio sobre aquilo que diz (aquilo que lê), os sentidos são determinados pelas formações ideológicas nas quais as posições-sujeito se inscrevem. Nesses termos, a noção de sujeito empírico – considerada em muitas das abordagens sobre leitura, como, por exemplo, a da pesquisa do Instituto Pró-livro citada – dá lugar ao sujeito não-empírico, ao sujeito materialmente dividido desde sua constituição, ao sujeito que é sujeito à língua e à história. É, pois, sob essas condições que o sujeito que ocupa posições produz sentidos. É, pois, sob essa noção de sujeito que interpretamos os percursos de leitura de universitários em um mecanismo de busca da internet, a partir do significante “maçã”.

Apresentamos a seguir breves considerações sobre o ponto de partida dos percursos de leitura que compõem as produções analisadas, a saber: a página com resultados da pesquisa de “maçã” no buscador *Google*.

⁶ A noção de *interpelação do sujeito* é discutida por Pêcheux a partir da formulação de Althusser, para quem “o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para livremente submeter-se às ordens do sujeito, para aceitar, portanto (livremente), sua submissão” (ALTHUSSER, 1992, p.104).

⁷ Segundo Pêcheux (1997, p.160, grifos do autor), formação discursiva é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito...”.

Figura 1 – Página com resultados da pesquisa de “maçã” no buscador *Google*



Da perspectiva da técnica, a Figura 1 apresenta a oferta de resultados da pesquisa de “maçã” na ferramenta de busca, com base naquilo que “o algoritmo do *Google* sugere ser melhor para cada usuário específico”, e a partir de técnicas – como IP, *cookies*, histórico – que possibilita(ria)m o acesso a conteúdo “perfeito” para o usuário (PARISER, 2012, p.8). Trata-se, do ponto de vista desse paradigma técnico-informático, de certa exatidão, de um conjunto de “algoritmos capazes de estabelecer correspondência entre usuário (consumidor) e hábitos (de consumo) registrados em seu histórico como navegador na internet” (KOMESU; GALLI, 2014). Ou seja, como o motor de busca mais acessado no mundo para pesquisas na internet,⁸ o *Google* tem como principal propósito oferecer serviços e produtos (como o *Google Talk*, o *Google Earth*, o *GMail*, o já extinto *Orkut*, para citar alguns) para serem consumidos pelos usuários, ainda que isso não seja tão evidente. O fato de cem por cento dos universitários terem optado pelo motor de busca *Google*, na

⁸ Segundo dados do *Alexa Internet*, que busca medir o percentual de usuários que visitam um site da internet. Disponível em: <<http://www.alexa.com/siteinfo/www.google.com>>. Acesso em 30 out. 2014.

atividade de escrita proposta em nosso curso de extensão universitário sobre leitura e ciberespaço, pode estar estreitamente relacionado à posição dominante que o *Google* ocupa na lista de buscadores da internet, efeito tanto das formações imaginárias que resultam de processos discursivos e se manifestam por meio das relações de força e da antecipação (PÊCHEUX, 1997) quanto da “manipulação’ do letramento num modo de ‘ritual’ definido” que pode, também, estabelecer e/ou reforçar autoridade e posição política (STREET, 2014, p.109).

Ainda da perspectiva da técnica, a chamada neutralidade⁹ na rede digital, como um dos princípios fundadores da internet, deve(ria) gestar a imparcialidade das informações que trafegam na rede e ser responsável pelo (suposto) controle dos acessos, das informações (SANTOS, 2014). Esse conjunto de práticas proposto pelo princípio de neutralidade da rede tem como maior interesse a disciplinarização do usuário, dos seus usos e acessos à internet, questões que ecoam desde o aparecimento da cibernética,¹⁰ fundada em 1946. Segundo Lafontaine (2007), um dos projetos da cibernética consiste em atribuir às máquinas inteligentes o papel do homem de gestão da sociedade, de maneira que a razão passa a ser vista como exterior ao homem, podendo ser transportada do suporte biológico (homem) para o suporte técnico (máquina). Desse modo, a linguagem seria mero instrumento de comunicação e o sujeito mero depósito de linguagem que pode ter seu lugar ocupado por outro suporte-máquina. Ou seja, dessa perspectiva, sujeito e linguagem são

⁹ Integra o projeto popularmente conhecido como “Constituição da Internet” ou “Marco Civil da Internet”.⁹ O referido projeto foi aprovado no Senado Federal em 23 de abril de 2014. Trata-se de uma lei – oficialmente nomeada de Lei nº 12.965 – que regula o uso da Internet no Brasil, a partir da exposição dos direitos e deveres dos usuários da rede. Outros conceitos, como privacidade, liberdade de expressão e guarda e uso de dados também integram o projeto de lei.

¹⁰ Para Lafontaine (2007, p.22), “as relações de filiação que ligam a cibernética a domínios tão vastos como a informática, a automação, as ciências cognitivas, a protética, a inteligência artificial, ou mesmo a biologia molecular e a engenharia genética, são, no entanto, notórias. Não obstante, há ainda um imenso trabalho de clarificação histórica por fazer.”.

concebidos isoladamente, o que faz emergir a diluição “numa amálgama falsamente científica o horizonte sócio-histórico em que evolui verdadeiramente o ser humano” (LAFONTAINE, 2007, p.119), questão de extrema relevância para nossas considerações não só sobre a escolha de determinado motor de busca pelos universitários para seus percursos de leitura, mas também sobre a constituição do sujeito e dos sentidos.


Da perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa, a leitura pode ser entendida como um processo de produção de sentidos, os quais mudam “segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas [as leituras] adquirem seu sentido em referência a essas posições[-sujeito], isto é, em referência às posições ideológicas...” (PÊCHEUX, 1997, p.160). É preciso destacar que o sentido, nessa perspectiva, não está vinculado a uma suposta “literalidade” da leitura (supondo-se que de fato exista) e à figura do leitor, mas à formação discursiva, como já anunciamos, em que o sentido se constitui, “regulando” o que o sujeito pode/deve dizer e o que não pode/não deve dizer. Assim, entendemos que os percursos de leitura apresentados pelos universitários expõem um rompimento no que diz respeito à tentativa de estabilização da técnica, à medida que vemos emergir efeitos de sentido produzidos por sujeito sócio-historicamente constituído, a partir dos modos de ler um mesmo *link* da página de resultados da pesquisa de “maçã” no buscador *Google*.

As duas produções textuais – Figura 2 e Figura 3 – que recortamos do material para esta reflexão apresentam percursos de leitura que passam pelo *link* nomeado *Não Morda a Maçã – A bíblia não diz “Maçã”...*, que integrava a página de resultados de pesquisa dos universitários no buscador *Google* quando da realização da atividade. Destacamos que o referido *link* não fazia parte dos (pelo menos cinco) primeiros listados pelo motor de busca na pesquisa empreendida pelos universitários no curso de extensão, o que também parece romper com a eficiência em termos de organização da rede internet com fins de atrair o consumidor; ou seja, a indexação

página de resultados da pesquisa realizada no buscador *Google*, efeito, talvez, do modo como a tecnologia de informação e comunicação se impõe na contemporaneidade, com o discurso de ordem sobre o consumo.¹² Chama-nos a atenção o deslizamento de significantes fora do contorno vermelho do desenho, em forma de enunciados verbais: a fruta “vermelha”, “brilhante”, “suculenta”, “gostosa” parece provocar a fome/ o desejo (“maçã do pecado”), a proibição (“maçã do amor casamento”) e o castigo (“maçã natureza morta”). Esses deslizamentos, de nosso ponto de vista, apontam para o modo como os dizeres se fundam no movimento entre dois processos: parafrástico (o mesmo) e o polissêmico (o diferente), já que “dizemos o mesmo para significar outra coisa e dizemos coisas diferentes para ficar no mesmo sentido” (ORLANDI, 1993, p.98). Lembrar da história do fruto proibido discursivizada pelo cristianismo, ao longo de séculos, pode ser um modo de resistência do sujeito-leitor inscrito em condições sócio-históricas avessas à tradição cristã, à questão da castidade que também ecoa nos enunciados. Concordamos com Corrêa (2011, p.335) que “a observação das práticas discursivas registradas nos textos deve permitir reconhecer, por exemplo, a trama, ainda que não exaustiva, das relações intergenéricas na composição do texto e a história de sua produção”, o que permite, também, a compreensão de modo de inscrição dos sujeitos e dos sentidos. Dessa perspectiva, é possível dizer que o processo de leitura não é individual, mas sócio-histórico.

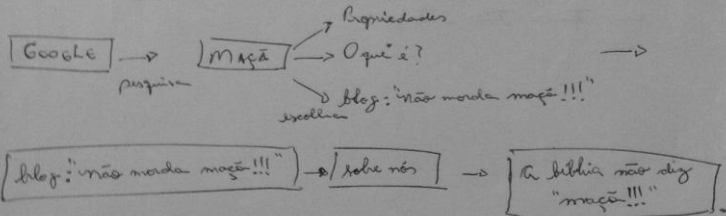
Figura 3 – Produção textual A5_4

¹² Na produção textual apresentada na Figura 2, aparecem “manzana” e “Apple”. Enquanto a primeira ocorrência pode ser associada a domínio do sujeito de outra língua estrangeira (no caso, espanhol), a segunda, grafada em letra maiúscula e minúsculas, emerge como referência explícita à multinacional norte-americana, uma das líderes mundiais em aparelhos eletrônicos e informática. De nosso ponto de vista, trata-se de índice do modo como práticas letradas digitais (mas não somente) são “atravessadas” por discurso do consumo.

unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

CURSO DE EXTENSÃO
Leitura – sentidos do/no ciberespaço
ATIVIDADE 5

Com base em Xavier (2004) e tendo como "fio condutor" a reflexão sobre LEITURA - CIBERESPAÇO - HIPERTEXTO, faça um desenho que represente seu percurso de leitura numa ferramenta de busca de sua escolha, a partir da pesquisa de MAÇÃ.



The diagram illustrates a search process. It starts with a box labeled 'Google' with an arrow pointing to a box labeled 'maçã'. Below 'maçã' is the handwritten word 'pesquisa'. From 'maçã', three arrows point to handwritten notes: 'propriedades', 'O que é?', and 'O blog: "não macha maçã!!!"'. Below these notes is the handwritten word 'excelência'. An arrow points from the 'maçã' box to a box labeled 'A bíblia não diz "maçã!!!"'. Below this box is the handwritten word 'excelência'. An arrow points from this box to a box labeled 'sobre nós'. Below 'sobre nós' is the handwritten word 'excelência'. An arrow points from 'sobre nós' to a box labeled 'A bíblia não diz "maçã!!!"'. Below this box is the handwritten word 'excelência'.

A produção textual apresentada na Figura 3, assim como a produção apresentada na Figura 2, também revela a leitura/escrita do sujeito a partir do que emerge na página inicial de resultados listados pelo buscador *Google*. Entretanto, ao enunciar *A bíblia não diz "maçã"!!!*, com três pontos de exclamação, o sujeito anuncia outra possibilidade de leitura que não a do enunciado-base do *blog* (*A bíblia não diz "maçã..."*, com reticências): a ênfase dos pontos de exclamação parecem apontar para uma dupla negação (a *bíblia não diz* e eu *não concordo*) e, ainda, a não filiação do sujeito à ideia de maçã como fruto proibido, como causadora do mal para humanidade. Marcamos, mais uma vez, que o que poderia ser entendido como da ordem da técnica, da repetição de resultados oferecidos pela ferramenta de busca, é, de nossa perspectiva, da ordem do repetível – a que podemos chamar de interdiscurso (ORLANDI, 1999, p. 63), já que os discursos se constituem “no

entrecruzamento da linguagem e da história” (PÊCHEUX, 2002, p.44).

Práticas de leitura no contexto acadêmico: algumas considerações

Com o intuito de contribuir para uma discussão sobre a inscrição do sujeito-leitor nas/em redes de leitura e nas redes de (in)formação contemporâneas, e, ainda, trazer contribuição para os estudos dos letramentos na formação do atual e futuro professor, procuramos abordar, neste artigo, os modos de ler na/em rede e a constituição dos sujeitos e dos sentidos. Partimos da hipótese de que, apesar de o mecanismo de busca oferecer como resultado uma sequência de *links* com informações “filtradas” (PARISER, 2012), em atividade desenvolvida com universitários, em ambiente digital, a leitura/escrita dessas informações não se dá de forma homogênea (como poder-se-ia imaginar por se trata de técnica e uso de ferramenta) e, ainda que diga respeito à leitura um “mesmo” *link*, a pluralidade dos sujeitos-leitores se inscreve. Isso porque, das perspectivas teóricas a que nos filiamos – Análise do Discurso de linha francesa e Estudos de Letramento –, como também procuramos desenvolver, o processo de leitura explicita a produção de sentidos afetada pela ideologia, determinada historicamente e permeada de formações imaginárias, de maneira a romper com a tentativa de estabilização da técnica, conforme propõe Pariser (2012), e com o modelo “autônomo” de práticas letradas de que trata Street (1984; 2014).

Trata-se do que nomeamos, ao longo desta reflexão, de modos de ler nas/em redes discursivas e digitais, modos esses que devem ser compreendidos e discutidos nos âmbitos escolar e acadêmico, como contribuição para a formação do universitário, do futuro professor, do professor em exercício, do aluno desse professor, especialmente nesta época em que muito se diz sobre a “revolução” da informação e da produção do conhecimento por meio do uso de tecnologias, mas pouco se

discute sobre o que é lido, sobre o modo como os textos são lidos, etc.

Agradecimento: Agradeço a Profa. Dra. Fabiana Komesu pelas valiosas contribuições na versão final deste artigo.

Referências

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 6 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

COELHO, M. Leitura a jato. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada, 21 de maio de 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/166863-leitura-a-jato.shtml>>. Acesso em 24 out. 2014.

CORRÊA, M. L. G. As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita: o exemplo de textos de pré-universitários. *Revista da ABRALIN*, v. Eletrônico, n. Especial, 2. parte, p.333-356, 2011. Disponível em: <<http://www.abralin.org/revista/RVE2/11v.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2014.

DIAS, C. P. Imagens e metáforas do mundo. *Revista Rua*, Campinas, n.15, v.2, p.16-28, nov.2009. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/lerArtigo.ru> a?id=80&pagina=1 >. Acesso em: 24 out. 2014.

DIAS, C. P. Cidade, cultura e corpo: a velocidade do mundo. *Escritos*. Campinas: Labeurb/Nudecri/Unicamp, n.10, 2011.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro. 2011. Disponível em: <<http://prolivro.org.br/home/index.php/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48>>. Acesso em 24 de out. 2014.

KOMESU, F. C.; GALLI, F. C. S. Práticas de leitura e escrita em contexto acadêmico: relações (hiper)textuais singulares. *Raído (UFGD)*, v. 8, p. 79-93, 2014.

KOMESU, F. Espaços e fronteiras da “liberdade de expressão” em *blogs* na internet. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas: UNICAMP, v.49, n.2, p.343-357, 2010.

GALLI, F. C. S. Redes de leitura: informação e conhecimento na contemporaneidade. In: GARCIA, D. A.; GALLI, F. C. S.; SILVA, J. R. B.; SOUSA, L. M. A.; CHICOTE, M. L. L.; YADO, T. H. M. (Orgs.). *Ressonâncias de Pêcheux em nós*. São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2014, p.149-159.

GALLI, F. C. S.; SOUSA, L. M. A. E. Redes virtuais contemporâneas: um efeito ideológico de conexão. In: ABRIATA, V. L. R.; CÂMARA, N. S.; GONÇALVES, M. G.; SCHWARTZMANN, M. N. (Org.). *Leitura: a circulação de discursos na contemporaneidade*. Franca-SP: UNIFRAN, 2013, p.87-101.

GALLI, F. C. S. *(Ciber)espaço e leitura: o mesmo e o diferente no discurso sobre as “novas” práticas contemporâneas*. 2008. 204f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade de Campinas, Campinas-SP.

JENKINS, H. *Cultura da convergência*. Trad. Susana Alexandria. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LAFONTAINE, C. *O império cibernético*. Das máquinas de pensar ao pensamento máquina Trad. Pedro Filipe Henriques. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

ORLANDI, E. P. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. *RUA* [online]. n. 16. v. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/lerArtigo.rua?pdf=1&id=91>>. Acesso em 30 out. 2014.

ORLANDI, E. P. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: ZILBERMAN, R. S.; SILVA, E. T. (Org.).

Leitura: perspectivas interdisciplinares. 5 ed. São Paulo: 1999, p.58-77.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

PARISER, Eli. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Trad. Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al. 3.ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectiva. In: GABET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p.163-252.

PÊCHEUX, M. (1969). Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1969. p.61-162.

TEIXEIRA, J. A voz da geração conectada. *Veja*, São Paulo, Ano 47, n. 20, edição 2.373, p.120-125. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervo/home.aspx>>. Acesso em 24 out. 2014.

SANTOS, V. W. O. Governança da internet no Brasil e no mundo: a disputa em torno do conceito de neutralidade da rede. *Revista Comciência*, n 158, maio/2014. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=99&id=1215>>. Acesso em: 24 out. 2014.

STREET, B. V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, B. V. *Literacy in Theory and Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.170-180.